

OS LIMITES ENTRE A FLEXÃO E A DERIVAÇÃO

José Pereira da Silva (UERJ)

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão & derivação em português*. [Rio de Janeiro]: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005, 221 p.

[\(carlexandre@bol.com.br\)](mailto:carlexandre@bol.com.br)

Nos últimos trinta anos, vêm sendo cada vez mais frequentes os estudos fonológicos em interface com morfologia prosódica e com a teoria da otimalidade.

Na interação com a sintaxe, Carlos Alexandre lembra que se destaca a morfologia distribuída, que prevê a inserção de traços morfológicos e fonológicos em posições da estrutura sintática, assim como as abordagens morfológicas de base discursiva e a gramática das construções, que focaliza com outra visão os processos de formação de palavras.

Como a morfologia estuda a palavra, que está em interação com a fonologia, a sintaxe e a semântica, parece natural que estas disciplinas reivindiquem para si uma parcela de seu espaço.

Na página 6, Carlos Alexandre escreve:

Este livro tem foco numa das várias controvérsias que caracterizam essa área: a delimitação dos dois principais tipos de operações morfológicas – flexão e derivação. Como veremos no decorrer dos capítulos, as disposições sobre essa dicotomia são bastante polêmicas e vão desde as que defendem uma rígida separação até as que negam por completo a existência de fronteiras entre elas.

Já na página seguinte (p. 7), depois de refletir sobre a dificuldade consensual de incluir os processos flexionais como parte da morfologia, levando em conta a vertente fraca em oposição à vertente forte do lexicalismo, adianta na síntese do livro:

Neste livro, pretendemos acender esse debate, descrevendo a flexão e a derivação a partir de suas diferenças e semelhanças. Com isso, fornecemos uma visão atualizada e corrente sobre essas duas “morfologias”, focalizando, para tanto, os afixos do português: sua relação com os demais componentes da gramática e seu diagnóstico a partir da inspeção a critérios empíricos. No correr dos capítulos, apresentamos os parâmetros que afastam e aproximam essas morfologias de modo crítico e problema-

tizante, buscando verificar, com isso, se flexão e derivação constituem processos radicalmente distintos ou se, na verdade, vêm a ser pólos prototípicos de uma mesma operação morfológica.

Considerando que “a flexão tem sido definida como processo morfológico regular, aplicável em larga escala e sem qualquer possibilidade de mudança na categoria lexical das bases” e que, contrariamente, “a derivação vem sendo descrita como processo idiossincrático, caracterizado pelo potencial de mudar classes e por grandes restrições de aplicabilidade”, o livro se divide em quatro capítulos, subdivididos em trinta e oito tópicos, que tratam: “das diferenças entre flexão e derivação” (em 13 tópicos e 82 páginas), “das semelhanças entre flexão e derivação” (em 7 tópicos e 26 páginas), “o *continuum* flexão-derivação” (em 10 tópicos e 45 páginas) e “o *continuum* aplicado ao português” (em 8 tópicos e 43 páginas).

A síntese desses quatro capítulos apresentadas pelo autor são suficientes para que se possa entender o desenvolvimento que tem o seu livro, como se pode ver nas páginas 8 e 9:

No capítulo 1, faremos um exaustivo levantamento das principais diferenças entre a morfologia flexional e a derivacional, listando os critérios empíricos freqüentemente usados para segregá-las. Ao analisar flexão e derivação como categorias discretas – isto é, como possuidoras de fronteiras relativamente definidas, sem qualquer possibilidade de gradação ou continuidade – mostramos que a tarefa de categorizar determinados afixos do português pode se tornar extremamente difícil a partir da inspeção às propriedades tradicionalmente apontadas como características de uma ou de outra morfologia.

No capítulo 2, faremos um inventário das principais semelhanças entre flexão e derivação. Ao focalizar a similaridade, discutiremos as propostas de tratamento sintático para a morfologia flexional, analisando, para tanto, os aspectos da hipótese lexicalista fraca que consideramos problemáticos e/ou merecedores de reflexão. Atenção especial será dada à questão da perifericidade dos afixos flexionais.

No capítulo 3, mostraremos que flexão e derivação podem não ser tratadas como fenômenos distintos, mas como pólos de um *continuum* morfológico. Ao descrever e comentar as idéias de Bybee (1985), para quem as diferenças não são discretas, procuramos (a) identificar os determinantes da expressão flexional e (b) aplicar essa proposta ao estudo dos significados verbais em português.

Por fim, discutiremos, no capítulo 4, a proposta de *continuum* flexão-derivação em português, apresentando algumas medidas de avaliação para o posicionamento de afixos ao longo da escala idealizada por

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Bybee (1985). Para tanto, analisaremos alguns afixos de difícil categorização em nossa língua e contrastaremos, pelo teor flexional/derivacional, o gênero, o número e o grau.

O autor faz uma síntese das principais discussões teóricas que se desenvolveram até hoje, a partir dos questionamentos de Mattoso Câmara Jr., mostrando os diferentes enfoques sobre flexão e derivação em português.

A questão não fica resolvida, é claro; mas são mais alguns elementos da maior importância teórica que se acrescentam ao conjunto das idéias gramaticais recentes não somente com o objetivo de questionar a gramática, mas, e principalmente, mas de municiar os futuros pesquisadores com argumentos suficientemente técnicos para se dar um tratamento mais coerente, por exemplo, à descrição do processo gramatical que expressa o gênero dos substantivos, por exemplo.

Este é um dos casos, sem dúvida (o da expressão do gênero dos substantivos), em que a distinção entre flexão e derivação contribuiria enormemente e, quem sabe, dissolveria a nebulosidade que paira na descrição do processo que é dado como de flexão pela maioria absoluta dos gramáticos, apesar de estar evidente que tem elementos extremamente incompatíveis com esse processo.